

CAPÍTULO 5 – *Caçadas de Pedrinho* ou a guerra de comandos e símbolos

Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira

A guerra dos comandos
A caçada da onça que surge no sítio de propriedade de Dona Benta, evento que inicia *Caçadas de Pedrinho*⁵⁴ e deflagra as demais peripécias das personagens no livro, diz respeito a uma “bravata” à moda dos meninos aventureiros de princípios do século XX, cujos modelos de comportamento e valentia associavam-se aos corajosos heróis do cinema, literatura e histórias em quadrinhos do feitio de *Tarzan*⁵⁵, *Tom Mix*⁵⁶ e *Popeye*⁵⁷. Combatentes heróicos, sem hesitações, com poderes muitas vezes sobre-humanos, com poucos traços de sombreamento psicológico a impedirem suas ações destemidas, tempestivas, salvando a cena e a mocinha em poucos lances.

Era assim o perfil do herói da juventude masculina no período, a julgarmos pelo material mais veiculado (e potencialmente consumido) pelos meios de então⁵⁸. Nesse quadro temos Pedrinho, importante “habitante” do Sítio do Picapau Amarelo. As aspas se explicam por sua habitação sazonal: Pedrinho, ou Pedro Encerrabodes de Oliveira, é um neto de Dona Benta que, diferentemente de sua prima Narizinho (Lúcia, a menina do narizinho arrebitado), não vive no Sítio exceto em ocasiões específicas, quais sejam, as férias escolares.

É Pedrinho um menino da cidade, e vive com sua mãe, Antonica (filha de Dona Benta), num ambiente urbano que sobre ele exerce pouco ou nenhum fascínio. Pedrinho, como a Alice de Lewis Carroll, vive para existir em sonho: o sonho da irrealidade, ou da realidade sobreposta do sítio de sua avó, com sua prima e os demais habitantes encantados do mundo mágico ficcional que Monteiro Lobato urdiu.

⁵⁴ A edição que tomaremos como referência é a 5ª edição da Biblioteca Azul, de 2015, edição recente e ainda à venda, localizável a preços módicos ao tempo de redação deste artigo, em dezembro/2021-janeiro/2022.

⁵⁵ Célebre personagem criada em 1912 por Edgar Rice Burroughs (1875-1950), em série literária trazida ao Brasil posteriormente por Monteiro Lobato e traduzida por ele próprio, Manuel Bandeira, Godofredo Rangel, entre outros; grande sucesso, o “homem-macaco” seria adaptado também para os quadrinhos, filmes e programas de tevê. Lobato disse a seu correspondente mais habitual, Godofredo Rangel (carta de 8 de julho de 1926) que achava a série de Tarzan “curiosa e bem infantil” (LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010, p. 514).

⁵⁶ Ator americano (1880-1940) celebrizado sobretudo por faroestes no cinema silencioso; aparece em um “papel” relevante no *Reinações de Narizinho* lobatiano.

⁵⁷ Personagem dos quadrinhos criada por E. C. Segar (1894-1938) em 1929, futuramente transportada com sucesso para animações e outras mídias. Também aparece com destaque em uma obra lobatiana, *Memórias da Emília*.

⁵⁸ Não é nosso objetivo determo-nos no fenômeno. Não obstante, se considerarmos a perenidade da maior parte dessas figuras no imaginário e veiculação de massas muitas décadas adiante, podemos concluir que a representação ainda encontra aficionados e admiradores duas décadas após a entrada do século seguinte. São tipos universais, claramente; e Lobato, que admirava figuras mitológicas e perenes (Hércules, Dom Quixote), soube capturar o sentimento de agregação que os novos retratos de ação em sua época possibilitavam.

Portanto, um dado importante é que Pedrinho é uma criatura de fantasia, sonhada, imaginada. Do mesmo modo que suas aventuras são filtradas pela criatividade criadora do autor e pela experiência transmodificadora por que passarão suas personagens.

Dimensionar a imaginação é importante: *Caçadas de Pedrinho* não é um relato jornalístico, nem tem pretensões de ser descrição acurada da realidade em qualquer instância; é uma estória fantástica, devendo ser absorvida com instrumentais próprios da ficcionalidade ou do lidar com a ficção – como a um médico se associa um bisturi, não um martelo, a esta estória com animais falantes e eventos mágicos as considerações a serem feitas deverão necessariamente levar em conta as ordenações do trato narrativo.

Nas elucidativas palavras de Anatol Rosenfeld, a respeito do encadeamento ficcional e o pacto narrativo na literatura, “este mundo fictício [...], que freqüentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra”⁵⁹.

O sítio de Dona Benta remete a um sítio, porém não a um sítio qualquer, senão ao mesmo sítio de Dona Benta. Tampouco seus habitantes terão o estatuto estático de representarem puramente figuras reais, transpostas sem as ferramentas criadoras da imaginação que as modificará e dará a elas o sentido diegético para se movimentarem – isto é, os elementos de que elas se valerão para existirem e agirem enquanto personagens, em contexto próprio, particularizado, coerente com determinadas regras estruturais internas.

Estabeleçamos então que Pedrinho, ainda que seja um menininho, considere-se um herói nos moldes dos homenzarrões que admira. Anseia por grandes aventuras e feitos. “Quería leões, tigres, rinocerontes, elefantes, panteras e queixava-se a Dona Benta (como se a boa senhora tivesse culpa) da pobreza do Brasil a respeito de feras”⁶⁰.

No mundo infantil em que ora é líder, não se estranha sua atitude, tampouco sua chefia. Pedrinho segue um corpo de princípios a que fará jus com todo seu figurino moral de personagem. Ora, em consonância com sua estrutura constitutiva, para ele valerá a mesma regra dos heróis crescidos: localizado o problema, resolva-se.

O problema: apareceu uma onça por ali. O chamado da aventura é imperativo. Como resolver? Caçando a onça. Prova de bravura inconteste:

- Sabe? Rabicó descobriu que anda uma onça no capoeirão dos Taquaruçus!...
- Uma onça? Não me diga! Vou já avisar vovó...
- Não caia nessa – advertiu o menino. – Medrosa como ela é, vovó ou morre de medo ou trata de nos levar hoje mesmo para a cidade. Muito melhor ficarmos quietos e caçarmos a onça.
- À menina arregalou os olhos.
- Está louco, Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente?
- Sei, sim, como também sei que gente mata onça.
- Isso é gente grande, bobo!

⁵⁹ ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 15.

⁶⁰ LOBATO, M. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015a, p. 88.

– Gente grande!... – repetiu o menino, com ar de pouco-caso. – Vovó e Tia Nastácia são gente grande e, no entanto, correm até de barata. O que vale não é ser gente grande, é ser gente de coragem, e eu...

– Bem sei que você é valente como um galo garnisé, mas olhe que onça é onça. Com um tapa derruba qualquer caçador, diz Tia Nastácia.

O menino bateu no peito com arrogância.

– Pois quero ver isso! Vou organizar a caçada e juro que hei de trazer essa onça aqui para o terreiro, arrastada pelas orelhas. Se você e os outros não tiverem coragem de me acompanhar, irei sozinho.

A menina arrepiou-se de entusiasmo diante de tamanha bravura e não quis ficar atrás.

– Pois vou também! – gritou. – Uma menina de nariz arrebicado não tem medo de coisa nenhuma. Vamos convidar os outros⁶¹.

Eis o pacto ficcional. Instado a demonstrar seu valor (coragem) diante do temeroso (caçar onça), o menino alça-se à maioria (gente grande/gente de coragem) e, por suas qualidades de líder intímido (“irei sozinho”), conquista, impressiona e arregimenta seguidores (“vou também”; “vamos convidar os outros”).

Leia-se com atenção: Pedrinho é um destemido menino caçador, mas é um caçador menino. Planejará nas páginas seguintes seu feito à revelia dos mais velhos (Dona Benta e Tia Nastácia), que o guardam e poderiam desautorizar sua empresa. Em outras palavras, mesmo a “gente de coragem” teme prestar contas a seus responsáveis e planeja suas proezas às escondidas...⁶²

O valor ficcional dos elementos narrativos está estabelecido. Esqueça-se a literalidade: crianças não vão caçar onça, nem na época de Lobato e nem na nossa. Não há nem houve notícia de caçadores infantis de felinos de grande porte motivados pelo exemplo de Pedro Encerrabodes de Oliveira, sua prima Lúcia e demais “gentes de coragem” – hoje poder-se-ia apostar mesmo que as personagens/crianças prefeririam fugir de uma onça a enfrentá-la, matando-a. Gosto da época, moda de então.

O que há é a construção de um ideal de personagem, uma “ideia” de criança, arquétipo literariamente desenvolvido na narrativa, que acorda com as ações que vemos no livro, com o valor ficcional das aventuras ali narradas.

Antonio Candido, lembrando que “a personagem é um ser fictício”, entende a estrutura de um romance de ficção como apoiada na noção de verdade que a personagem passa: “Podemos dizer [...] que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”⁶³. Acreditamos em Pedrinho como Pedrinho se nos afigura crível enquanto personagem, verossímeis ações, conforme personalidade.

No terreno da ficcionalidade, destarte, as *Caçadas* tomam rumo próprio, desde o início deixando transparente que, naquele mundo artificializado, nenhum caçador adulto conseguira dar fim ao problema despontado: “Por várias vezes os caçadores das terras vizinhas haviam organizado batidas a fim de dar cabo

⁶¹ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 9-10.

⁶² Mesmo a espingarda do heroizinho foi feita secretamente. Conta o narrador que “ele mesmo tinha fabricado escondido de Dona Benta, com cano de guarda-chuva e gatilho puxado a elástico” (Ibidem, p. 13).

⁶³ CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 55.

dela, sem nenhum resultado. A onça escapava sempre”⁶⁴. Sobrará às “simples crianças” o encargo de resolver a contento a situação, e é isso que elas farão, organizando-se para a tarefa, distribuindo funções e expertises.

As crianças da década de 1930, como Pedrinho ao se inspirar nos caçadores “reais”, entendiam a fabulação narrativa e, ainda que sonhadoras, compreendiam ser tudo uma grande, prazerosa fantasia, com suas regras estruturantes. Amparadas eventualmente por pequenos alertas, como quando Narizinho afirma peremptoriamente, sem dissidências, que a ideia de “construir uma estacada, como faziam os índios”, sugestão de seu primo Pedrinho, era “impossível” porque “para fazer semelhante estacada teríamos de contratar vários homens para cortar os paus e fincá-los – e vovó desconfiaria e viria a saber de tudo”⁶⁵. Narizinho, Pedrinho e seus companheiros leitores mirins sabiam e sabem que até mesmo a poderosa imaginação infantil possui delimitações...

Jaqueline Negri Rocha vislumbra nas aventuras metafóricas constantes no livro um comentário sobre o crescer das crianças. Diz ela que

para se defenderem do ataque das onças, as crianças adotam como estratégia o uso de pernas de pau enebadas. O aumento de *altura* pode ser lido como uma alusão ao crescimento e, conseqüentemente, ao universo adulto, contrariando assim uma interpretação que leia literalmente a afirmação das crianças enquanto agentes solucionadores de problemas. De qualquer forma, porém, a alternativa encontrada envolve a fantasia do universo infantil: entram em cena a imaginação, um brinquedo e a capacidade dos pequenos de encontrarem uma solução inventiva, improvável de ocorrer aos adultos⁶⁶.

Se faz todo sentido rejeitar qualquer tentativa de encaixar Lobato em um rótulo de escritor de textos literários “literais”, por seu humor, sua prosa repleta de figuras de linguagem, seu pacto ficcional complexo e multifacetado, enfim, a leitura do episódio das pernas de pau como metáfora do crescimento parece-nos por demais evidentemente psicanalítica para que o narrador, usualmente parcimonioso na dosagem psicológica de suas criaturas, se sirva dela nesse sentido.

Pensamos não haver forte sustentáculo à teoria. As crianças em pernas de pau ainda são crianças e não procuram crescer, não mais do que os adultos que também nelas subirão buscarão “infantilizarem-se”. A imagem não nos soa adequada, posto aproxime mais uma vez Pedrinho de Alice, a que já fizemos menção: ambos crescerão permanecendo crianças em sonho. Nas aventuras de Lobato, as crianças resolverão os problemas enquanto crianças, porque esse é o papel delas.

Seguindo na estória, após lances intrépidos, a onça é capturada, e instaura-se outro momento na trama. Os animais selvagens, moradores dos verdes em redor, ficam ressabiados. Estão sendo caçados! Ninguém mais está seguro. É preciso fazer algo, urge remediar a situação. Os bichos fazem uma assembleia e decidem-se pelo ataque, na medida de suas capacidades:

Um jabuti adiantou-se e disse:

– O meio que vejo é nos mudarmos para outras terras.

– Que terras? – replicou a capivara. – Não há mais terras habitáveis neste país.

Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a

⁶⁴ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 35.

⁶⁵ Ibidem, p. 49.

⁶⁶ ROCHA, J. N. *História de caçador, histórias de caçadas*. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2009, p. 246-247.

pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. A ideia do jabuti não vale grande coisa. Impossível nos mudarmos, porque não temos para onde ir.

– Amor com amor se paga – disse uma jaguatirica. – Matando a nossa rainha esses meninos nos declararam guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao sítio de Dona Benta.

A capivara ficou pensativa. Isso de assaltar um sítio era realmente coisa que só onças e jaguatiricas podiam fazer, porque são animais guerreiros.

– Sim – disse a capivara –, a ideia não me parece de todo má, mas semelhante guerra só poderá ser feita por vocês, onças, ajudadas pelos cachorros-do-mato e iraras. Eu, por exemplo, e também as pacas e veados e lontras e borboletas e serra-paus e carrapatos, não entendemos nada de guerra.

– Pois que fique a luta a nosso cargo – disse a jaguatirica. – Encarregar-me-ei de reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros-do-mato e iraras da floresta para um ataque ao sítio de Dona Benta. Havemos de vencer aqueles meninos e comer a todos da casa – inclusive as duas velhas⁶⁷.

Atentemos ao caráter de cada animal que participa do conflito⁶⁸. O jabuti, paciente, sugere que se mudem – ele, que leva a casa nas costas a todo instante –; a capivara vê valor na proposta, porém sente que só animais de força equiparada à dos grandes felinos e canídeos poderão ser de valia num ataque corporal; a jaguatirica, rápida, feroz, decide-se pelo assalto, adianta-se para juntar mais iguais para compor um exército.

A organização dos exércitos é motivo recorrente em *Caçadas*. Por meio de um sistema de espelhamento, temos que o bando das crianças sofrerá um contra-ataque do bando de animais. Ambos furiosos, ambos procurando medir suas forças, equipar-se, superar a estratégia da facção rival.

As crianças, soberbas, não aceitam que um animal alienígena apareça para questionar seu mando: “juro que hei de trazer essa onça aqui para o terreiro, arrastada pelas orelhas”, dissera Pedrinho. Além da derrota, precisavam impor a humilhação aos derrotados.

Os animais não deixam por menos: “havemos de vencer aqueles meninos e comer a todos da casa”. Não há diplomacia, apenas guerra. Ambos os lados querem dominar, exhibir poder, impor-se.

Fica de veras claro pelo relato que os dois grupos possuem seus argumentos, ainda que não inteiramente justos ou justificáveis. O lado das crianças provavelmente se baseia numa ideia abstrata de defesa da propriedade, pois onças atacam pessoas e animais domesticados, e caçá-las seria o meio mais eficaz de dirimir a ameaça (apesar de que o pretexto moral para a expedição, evidentemente, tenha sido manifestar coragem); o lado dos animais, ainda que a desproporção numérica torne seu revide covarde, está em essência também arquitetando uma defesa: a intrusão dos homens na vida natural causa luto (o “onço” ficou viúvo), compromete o equilíbrio das espécies, arrisca o próprio sistema em que estão todos inseridos – hoje aceitaríamos comodamente o fato de estarmos diante de uma ameaça ao “ecossistema”.

⁶⁷ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 38-41.

⁶⁸ Conferir, na divisão seguinte deste artigo, nossos comentários sobre as relações de símbolo entre animais e homens na literatura e nestas *Caçadas*.

Numa tópica que ressurgirá na metade final do livro, quando Lobato investe contra o governo e seus métodos, vemos configurar-se uma disputa por poder, por razão, liderança.

A “cabeça” dos grupos será definida com base também na força. Notemos como os bichos confiam a chefia aos animais rápidos, ferozes, carniceiros: a jaguatirica encarrega-se de “reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros-domato e iraras da floresta para um ataque ao sítio de Dona Benta”. E quem liderará o bando dos humanos?

Pela proposta da caçada, pelo “heroísmo” demonstrado, e por ser o dono da primeira metade do livro (e de seu título!), Pedrinho assume a liderança natural do bando. No entanto, é dito que o Visconde de Sabugosa, “em vista de sua importância e do seu título, também recebeu o comando da expedição”⁶⁹.

Estranha hidra de duas cabeças, a cruzada antionça tem o comando oficial do Visconde, motivado por seu saber venerável, e o comando natural de Pedrinho, que é referenciado pelo narrador pouco após como “chefe”:

- Que é isso, Pedrinho – disse a boneca notando a palidez do chefe. – Será medo?
- Não é medo, não, Emília. É...
- É... receio, eu sei – caçoou a terrível bonequinha.
- Não brinque comigo, Emília! – gritou Pedrinho avermelhando de raiva. – Você e toda gente sabem que só tenho medo de uma coisa neste mundo: marimbondo. De mais nada, hein?⁷⁰

Repare-se na principal insígnia do chefe: é alguém que nada teme, ou tem um medo insignificante, alguma superstição ou coisa à toa (marimbondo), que servirá para legar um anedótico ar de carisma a um ente no mais sem defeitos. “Toda gente” sabe que o chefe é destemido, não se pode sequer “brincar” com essa coragem a toda prova. Emília, quiçá ressentida de não ser líder na expedição⁷¹, zomba de Pedrinho usando um sinônimo de “medo” para classificar o que o impávido (e pálido) chefe tem.

O Visconde tem o comando oficial porque imune a essas glórias vãs, as “latas vazias” a que Lobato se referiu em uma carta: “Minha ideia é que todas as distinções honoríficas deste mundo são latas vazias [...], umas maiores e outras menores, umas grandes, como as de querosene, outras humildes, como as da sardinha”⁷².

Tanto que mais adiante será ele quem dará os louros da vitória a Pedrinho, quando cada membro da batalha arroga para si a ação que levou à vitória:

- Foi um delírio de contentamento. Os caçadores rodearam a onça morta, discutindo as peripécias da formidável aventura. Emília reclamou logo todas as honras para si.
- Se não fosse a minha espetada com o espeto de assar frango, queria ver...
- O que decidiu tudo foram as facadas que eu dei – alegou Narizinho.
- Qual nada! Juro que foi o meu tiro de canhão – disse Rabicó.
- Pexote! – berrou Pedrinho. – A bala de canhão nem arranhou a pele da onça, não está vendo?
- Como daquela disputa pudesse sair briga, o Visconde ponderou gravemente:

⁶⁹ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 13.

⁷⁰ Ibidem, p. 14.

⁷¹ Mais adiante constatar-se-á que Emília efetivamente “rouba o protagonismo” da personagem-título e passa a ser a principal figura da segunda metade do livro.

⁷² LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Globo, 2009, p. 181.

– Todos ajudaram a matar a onça e todos merecem louvores. Mas, se não fosse a pólvora de Pedrinho, estaríamos perdidos; de maneira que a Pedrinho cabe a melhor parte da vitória. Depois de cegar a onça, tudo ficou mais fácil e cada qual fez o que pôde. Basta de discussões. Em vez disso, tratemos mas é de levá-la para casa.

Os heróis concordaram com o sensatíssimo Visconde e Pedrinho afundou no mato para tirar cipós, visto não terem trazido corda. Logo depois reapareceu com um rolo de cipó ao ombro.

– Segure aqui! Puxe lá! Força! Vamos!...

Pedrinho conduziu o trabalho da amarração da onça ajudado por todos, menos Emília, que se afastara dali e estava numa grande prosa com dois besouros que tinham vindo assistir à cena⁷³.

Nesse admirável trecho, presenciemos as definições de liderança que a obra comporta, com exemplos bastante ilustrativos. No paralelismo que desenhamos com a vaidade do mundo adulto, uma das tônicas das críticas lobatianas ao governo na segunda parte do livro, as crianças começam pequena guerra particular por não aceitarem ceder a glória da conquista da onça, exigindo seus méritos infantis.

O Visconde, que nada ganhava com aquilo – até por ter um papel na ação manifestamente inábil: “o velho Visconde embaraçou as pernas na bainha da espada e com toda a sua importância estendeu-se no chão, ao comprido. Foi preciso que o menino o pescasse com o gancho de um galho seco”⁷⁴ –, enche-se de sabedoria filosófica para ponderar, justo, a participação de cada um no desfecho exitoso. É dele o comando oficial, como verificado; ainda que sua “importância” seja relativizada (e zombada) na ação final, sua fala seguinte exala desprendida sensatez, sendo aceita por todos. Dá assim a última palavra na “historiografia” positivada da caçada, o registro de como se deu a empresa. Altruísta, cede o comando moral ao neto de Dona Benta.

Pedrinho, por sua vez, aceita do líder científico (o Visconde) a “sagração” como o expedicionário cujo ardil (jogar pó na onça) levou ao sucesso da empreitada. É um “homem de ação”, que não quer títulos, honrarias e demais “importâncias” de latas vazias. Anseia apenas às glórias de feitos, e logo após a conclusão do Visconde já se afunda no mato em volta para demonstrar as virtudes que o levaram ao posto de chefia que então ocupa, buscando cipós para amarrar a onça, resolvendo problemas práticos. Dá ordens, grita, dirige os esforços programados.

O comando dos dois machos será, entretanto, ofuscado por uma fêmea que, sub-repticiamente, se insinua pelas brechas que inevitavelmente se abrem com a disputa masculina pelo poder reconhecido. Falamos de Emília, que dominará a segunda parte do livro e começa a potencializar seu domínio com dispositivo exclusivo dela: informação.

A amizade com os dois besouros que trabalharão como seus espíões denuncia uma gestão de poder catalisada por desfrutar de informações a que ninguém mais tem acesso: saberá da assembleia dos animais; da organização das forças de assalto; da aparição do rinoceronte na segunda metade das *Caçadas*; onde o paquiderme se esconde etc.

Emília detém a informação e, com ela, o poder de ter a verdadeira chefia da turma. Os comandos do Visconde e de Pedrinho são comandos artificiais.

⁷³ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 26-28.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 18.

Ecoam apenas, como quando Rabicó teme “que Pedrinho lhe despejasse no lombo a carga de chumbo destinada à onça”⁷⁵ ou “o pontapé que Pedrinho fatalmente lhe pregaria”⁷⁶.

Pedrinho é temido, mas não reverenciado. Seu primado se dá pelo temor que inspira, laço fraco; não tem o respeito voluntário da tropa, e Rabicó, para não ser vítima da brutalidade do líder imposto contrariado, “pensou apenas” que ele, Rabicó, matou a onça sozinho “com o meu tiro de canhão, isso sim”⁷⁷.

O menino tenta inspirar pelo exemplo, portando-se como um militar imponente – chega mesmo a clamar “Avante, Sábota!”, a senha para que seus cavaleiros ofereçam seus fortes braços para a cruzada contra os (animais) infieis, “espichando no ar a espingarda como se fosse espada”⁷⁸ –, posto falhe na logística estratégica.

Quanto ao Visconde, seu comando é caduco, impossível. “O Visconde ergueu a espada e com voz grossa de comandante superior deu um berro de comando”, porém pouco após o grito Rabicó vacila, estremecendo, Pedrinho vai assisti-lo de balde e se constata que “havia falhado a artilharia, na qual eles depositavam tantas esperanças”⁷⁹. A liderança do Visconde é inepta, ineficiente.

A crise de comandos interpostos, atropelados é tão grande que tem lugar um verdadeiro pandemônio. “A situação tornava-se muito séria e Pedrinho, desapontado com o nenhum efeito das armas de fogo, berrou a plenos pulmões” o grito desmoralizante que os obriga a reelaborar toda a estratégia de ataque, centrada até ali na confiança cega da equipagem (outro espelhamento com a segunda metade do livro, na qual o maquinário dos agentes governamentais também atrai a Pedrinho): “Salve-se quem puder!”⁸⁰.

A bravura física será posta em xeque em ocasiões assemelhadas, pois uma falha na cadeia de comando pode botar tudo a perder. Quando se tenta o mimetismo dessa espécie questionável de valentia, os efeitos são instáveis. Por isso Emília falha ao tentar exibir uma coragem que não é própria de seu estilo, mas do de Pedrinho: “Os besouros contaram tudo quanto tinham ouvido na assembleia da capivara e a boneca viu que o caso não era de brincadeira. Resolveu lá consigo ir incontinenti avisar Pedrinho, mas para não dar a perceber os seus receios fez-se de valentona”⁸¹.

A coragem à moda de Pedrinho é, ao menos para Emília, falsa, uma pseudocoragem. A primazia da boneca virá por suas armas (intelectuais) próprias, não pelo arremedo dos métodos de Pedrinho ou do Visconde. Mesmo assim, continua imitando o menino naquele momento, porque percebe que essa ação conquistará a impressionável fidelidade de seus espiões:

– Veremos! – disse aos besouros, muito admirados daquele sangue-frio. – Veremos! Nós matamos há pouco uma onça-pintada, a maior que existia por aqui, e faremos a mesma coisa até para leões e hipopótamos, se aparecerem. A bicharia há de convencer-se de que conosco ninguém brinca. Atacar o sítio! Desaforados... E para quando é a guerra?

⁷⁵ Ibidem, p. 15.

⁷⁶ Ibidem, p. 28.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Ibidem, p. 15.

⁷⁹ Ibidem, p. 18.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Ibidem, p. 45.

– O dia ainda não está marcado. A jaguatirica anda a correr a mata para reunir os atacantes. – Muito bem – concluiu Emília, sem pestanejar. – Continuem espionando e avisando-me de tudo quanto souberem. Vou prevenir Pedrinho⁸².

Ainda dando uma de “valentona”, Emília aceita ainda uma vez seguir o comando temporário do menino (“vou prevenir Pedrinho”), e enquanto simula seguir seu proceder (“conosco ninguém brinca” e outras jactâncias típicas do menino enquanto líder) planifica as bases de seu poder futuro, com a instauração (e instalação) de sua rede de espionagem. “Continuem espionando e avisando-me de tudo quanto souberem”.

Será a informação que salvará a todos, pois, cientes da iminência de um ataque e da necessidade de defenderem-se, viabiliza-se a escapatória. Emília sai assim a vencedora da disputa pelo comando, duelo silencioso travado tacitamente entre o Visconde e Pedrinho. E será ela quem, com ironia, despojará o menino das glórias vãs feitas do mesmo material (latas vazias) da importância e do título do Visconde, atributos desprezíveis:

– Não sei – respondeu Emília. – Isso é com Pedrinho, o nosso generalíssimo. Ele está estudando o assunto – e eu também. Não sei ainda o que o General Pedrinho vai fazer, mas sei o que vou fazer. Pensei, pensei e repensei sobre o caso e já tenho cá uma idéia que vale ouro em pó.

– *Qual* – disse o primeiro besouro – *é* – disse o segundo – *essa* – continuou o primeiro – *ideia?* – concluiu o segundo.

– Não posso dizer em voz alta – respondeu Emília.⁸³

Ao General Pedrinho restam as fúteis condecorações meritosas, enquanto a boneca o destitui do comando real da expedição. É um ensaio que Emília faz para dominar (inclusive na metalinguística) as aventuras futuras das *Caçadas*.

E como demonstra uma liderança realmente vencedora, sem falhas de entendimento nem obstáculos no percurso, cabe somente aceitar tal supremacia: “Viva! Viva a rainha das bonecas”⁸⁴, gritam todos, sem exceção. O generalíssimo Pedrinho incluso.

A guerra dos símbolos

Um ponto capital de *Caçadas de Pedrinho* reside na compreensão da carga simbólica da utilização dos animais no livro. Mister se deter um pouco sobre o tema.

Na noção vernácula de símbolo, o poeta e crítico espanhol Juan Eduardo Cirlot anota que os animais “desempenham um papel de suma importância no simbolismo, tanto por suas qualidades, atividade, forma e cor, como por sua relação com o homem”⁸⁵. Um símbolo em muito atrelado ao humano.

A dimensão simbólica dos animais é voltada ao uso que deles faz o homem em suas formas de expressão. Cirlot diz ainda que “a identificação com animais significa uma integração do inconsciente”⁸⁶. E cita Jung a esse propósito: “o animal

⁸² Ibidem, p. 45-46.

⁸³ Ibidem, p. 57.

⁸⁴ Ibidem, p. 85.

⁸⁵ CIRLOT, J. E. *Diccionario de simbolos*. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 82. Traduções nossas.

⁸⁶ Ibidem, p. 85.

representa a psique não humana, o infra-humano instintivo, assim como o lado psíquico inconsciente”⁸⁷.

Parece acertado instituir que o animal é invocado, como símbolo, para suprir alguma lacuna humana; alguma semelhança ou parença é trazida para um campo de aproximação semântica em comparação a determinados elementos do proceder do homem que fogem da esfera de sua ação habitual e cotidiana. Por isso Jung delimita quase espacialmente o animal simbólico: ele está fora do humano, ou além dele, ou aquém. O animal, enquanto símbolo, representa o que o humano não pode alcançar.

Naturalmente essa delimitação é um tanto vaga, o que permite as diversas interpretações e conotações que o próprio código simbólico exercerá, a depender do que se almeja estabelecer. O símbolo tem também mais de um sentido, como resta articulado acima, e virtualmente se abre em qualquer chave possível, de leituras terapêuticas a figurativizações materiais em objetos de uso prático – “cavalo de pau” é tanto um brinquedo quanto um símbolo da infância; e ambos não são a imagem primeira de cavalo que temos, qual seja, a do animal da natureza, equino, quadrúpede, usado na tração, montaria, corrida e afins.

No campo literário, da mesma maneira, animais podem servir aos mais diversos propósitos. Antropomorfizados, serão figuras de alegorias que denunciam vícios humanos, problemas de ordem social e comunitária, sobretudo; inseridos em seu ambiente original, dão cor a descrições da vida dita selvagem, estados naturais; como metáfora – “forma primeira do pensamento discursivo”, para Lévi-Strauss⁸⁸ –, são encontrados em ofensas, vitupérios, bem como na forma de comparações com atributos humanos e suas condicionantes: uma pessoa que enxerga bem tem “olho de lince”, alguém que se alimenta de maneira pouco elegante pode ser chamado de “porco” ou “cavalo”.

Além disso, como acima referenciado, animais também são objeto de estudo como arquétipos de comportamentos, desejos humanos ou mesmo ritos institucionalizados. Nas literaturas artísticas, médicas e religiosas de provavelmente qualquer povo, o animal tem uma força imagética de enorme intensidade. É utilizado na psicanálise, na descrição de cerimônias, mitos e deuses, na poesia.

O caráter simbólico do animal se faz tanto mais forte quanto mais precisa for a imagem buscada. Se numa zona urbana alguém é chamado de “burro”, a carga pejorativa do chamamento é evidenciada pelo senso negativo que o vocábulo metaforizado adquiriu ao longo do tempo nessas comunidades, enquanto numa área rural talvez “burro” perca parte do caráter simbólico de associação a um humano pouco inteligente, sendo mais imediatamente associado ao animal que transporta e carrega pessoas e objetos.

Um grupo de crianças brincando desordenadamente, por outro lado, pode ser classificado por um adulto supervisor como um “bando” (coletivo bastante ligado a animais) de bagunceiros ou uma turma que faz “macaquices” para chamar atenção; a comparação com macacos é imediatamente metafórica, a conotação é de estripulia sem controle, sem âncora num dado factível ou concreto especificamente, a não ser uma construção social de aproximação – as crianças não possuem caudas, pelos pelo corpo nem os demais atributos físicos,

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ LÉVI-STRAUSS, C. *O totemismo hoje*. Tradução de Malcolm Bruce Corrie. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 182. (Os Pensadores, 66).

biológicos constitutivos dos macacos. São suas ações que fazem aparecer a imagem, evocada por sua força simbólica, cuja codificação é facilmente percebida pelo interlocutor a quem o autor do símile comunica a imagem.

Joseph Campbell alude que “metáfora é uma imagem que sugere outra coisa”⁸⁹, daí necessitada de uma referência que não se encontra no próprio vocábulo metaforizado. “Aceitar a metáfora como autorreferente equivale a ir ao restaurante, pedir o cardápio e, deparando ali com a palavra ‘bife’, começar a comer o cardápio”⁹⁰, diz Campbell.

A natureza do símbolo é ontologicamente de referência externa. Nos exemplos expostos acima, torna-se absurdo considerar que quando se diz que alguém é “burro” ou chama-se um indivíduo de “macaco” isso é feito visando ao valor literal das expressões – nem mesmo em relatos de essência maravilhosa ou fantástica, pois se alguém é transformado em animal irracional esse processo é evidentemente codificado, simbolizado pela metalinguagem textual, sob uma intenção deliberada de seu autor.

Em narrativas protagonizadas por bichos, a exemplo das perenes fábulas de Esopo, verificamos estrutura equiparada. Ainda que o valor simbólico dos animais ali observados seja aparentemente comportado numa chave de instância mais próxima à da natureza empírica (são animais que convivem e agem), é mais do que óbvio que a organização dos animais enquanto personagens também observa um esquema de símbolos e hierarquias, transformando por metáforas ou personificações os animais em seres humanos “disfarçados”, com o intuito geral de exemplificação moral.

Quando alguém chama outra pessoa de “burro” ou de “macaco”, estão imbuídos aí valores referentes a inúmeros campos da experiência humana, de classe social (um indivíduo “burro” pode ser alguém sem instrução formal, em alguns círculos) a preconceitos de toda espécie (“macaco” como xingamento a pessoas negras, ou como crítica negativa a gente eufórica). É preciso, então, entender que, como disse Campbell, “os símbolos não traduzem a experiência, apenas a sugerem”⁹¹.

Em *Caçadas de Pedrinho*, os animais exibem, simbolicamente, múltiplas funções: na primeira parte do livro, fazem as vezes de “resposta da natureza” à inatural caçada que sofrem por parte da meninada do sítio; na segunda, serão o contraponto sarcástico aos homens arrogantes, notadamente à organização ridícula dos agentes governamentais, que acreditam agir com grande ciência face a feras e outros perigos selvagens. Monteiro Lobato, entretanto, e não raro, por ocasiões mistura, deliberadamente, as duas abordagens.

Divisaremos, no trecho da assembléia na mata, os animais, querendo resolver a contento “a situação perigosa em que se achavam todos”, concluindo que “o fato de terem matado a onça vai encher de coragem esses meninos e fazê-los repetir suas entradas nesta floresta a fim de nos caçar a todos. O caso é bastante sério”⁹². O sentido ecológico só não se evidencia mais porque logo após a capivara faz um sentido discurso memorialístico, em que aponta que no seu “tempo de

⁸⁹ CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Henrique Moisés. São Paulo: Palas Athena, 2009, p. 59.

⁹⁰ *Ibidem*, *idem*.

⁹¹ *Ibidem*, p. 63.

⁹² LOBATO, M. *Op. cit.*, 2015a, p. 38.

menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora, quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país”⁹³.

O paralelismo, bastante claro, dá conta do reflexo das ações das crianças do sítio nas práticas destrutivas, predatórias dos humanos crescidos. Canto de lamento, a capivara expõe friamente a realidade, descartando a ilusória esperança do jabuti. Como cantou Virgílio na *Eneida*, “a única salvação aos vencidos é não esperar salvação alguma”⁹⁴.

Logo após esse raciocínio quase técnico, irreprochável, da capivara, vem, porém, a ironia narrativa lobatiana. Porque se estamos diante de cena focada exclusivamente sob o ponto de vista de animais, e se o autor nos quer demonstrar as naturezas simbólicas das operações de aproximação e distanciamento desse corpo de simbolismos entre humanos e bichos, não se pode ter por surpreendente que – o próprio ato de organizar-se em assembleia o revela – os seres agrupados na reunião também demonstrarão por seu turno comportamentos antropomórficos, reações humanizadas. Entendamos como se dá esse processo.

Após a decisão do ataque, a que todos os presentes aquiescem, os circunstantes comemoram a fala da jaguatirica, que propõe um ataque conjunto dos canídeos mais encorpados ao sítio de Dona Benta:

A assembleia aprovou a lembrança. ‘Muito bem!’, pensaram os animais. As onças fariam a guerra. Se vencessem, a bicharia inteira das selvas estaria salva de novas incursões dos meninos. Se não vencessem, a vingança deles iria recair sobre as onças, não sobre os outros. Ótimo!

– Está aprovada a ideia – disse a capivara. – A Senhora Jaguatirica encarregar-se-á de falar com as suas companheiras, com as onças grandes, as iraras e cachorro-do-mato, combinando do melhor modo os planos estratégicos. E nós, animais pacíficos, comedores de ervas, ficaremos de lado, ajudando os guerreiros com as nossas “torcidas”⁹⁵.

Nota-se uma nota de egoísmo conspurcando o “altruísmo” da liga em defesa dos animais e matas. Todos estão de acordo com o ataque ser liderado pelos mais fortes, porque nem todos estarão de acordo em receber parte da punição caso a incursão seja malsucedida.

Todavia os bichos mais fracos, como Rabicó, “pensaram apenas”. Na hora de externar o juízo sobre o veredicto, os “animais pacíficos” propõem-se a ficar de lado “ajudando guerreiros com [...] ‘torcidas’”. O narrador brinca com a psicologia inventada de suas personagens não-humanas, dando a elas um caráter que versa sobre interesses escusos, privilégios a manter e afins. São traços humanos. Os animais aqui estão humanamente sendo bichos.

Não é a única instância em que flagramos essa via de duplo sentido entre os arquétipos e símbolos de homens e animais. Mais adiante teremos um exemplo de que nem mesmo a “nobreza” do mundo dos bichos está a salvo do egoísmo humano:

– É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém [...]. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena.

⁹³ Ibidem, p. 38-40.

⁹⁴ VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: 34, 2018, p. 160. Tradução nossa.

⁹⁵ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 41.

O Marquês de Rabicó sorriu. Se as onças iam devorar todos os bípedes, ele, na sua nobre qualidade de quadrúpede, estaria fora da matança. ‘Que felicidade ser quadrúpede!’, refletiu, lá consigo, o maroto⁹⁶.

Rabicó não demonstra a menor empatia com os colegas de habitação; salve-se ele, tudo estará muito bem. Não há sequer preocupação com Narzinho, o que o torna, além de egoísta, ingrato – por muitas vezes ao longo da série de livros são os apelos apaixonados da menina (e as consequentes broncas) que evitam que o famoso leitão vá para a panela... O nobre suíno talvez seja o mais humano dos habitantes do sítio, afinal.

O Marquês pode ser apontado como um ponto divisor de água, disruptivo, nas tensões que margeiam as fronteiras do ser-homem em contraposição ao ser-bicho. Fala, é inteligível, considerado, sem embargo trata-se de um quadrúpede, por “ter quatro pernas, em vez de duas, como todas as criaturas decentes – os homens, as galinhas, as escadas”.

Tal ironia rende a conta do menosprezo às qualidades negativas do leitão (gulodice, covardia, entre outras), levando o narrador a concluir, ironicamente, que “Rabicó tinha duas pernas mais que os outros, inutilíssimas pernas, porque se uma criatura pode viver muito bem com duas, ter quatro é ter pernas demais⁹⁷”.

A depreciação ao integrante mais medroso do grupo continuará, porque Pedrinho assevera que “se [...] tivesse clorofórmio e instrumentos cirúrgicos, fazia uma operação em Rabicó, transformando-o em bípede. Não deixa de ser uma vergonha um quadrúpede em nosso bando⁹⁸”. O que o menino enxerga como vergonha é a salvação sonhada pelo suíno, porque afinal disseram que os animais ferozes concentrar-se-ão em agredir aos bípedes⁹⁹.

Seguindo no espelhismo por nós identificado, o paralelismo com os homens é explícito quando os animais se organizam como as crianças no início, dividindo funções, dosando forças. Os mais fortes atacam, chacinam, enquanto os mais fracos darão o “apoio moral”, colocando-se voluntariamente como um time de reserva, para apoio. Assim como Jaqueline Negrini Rocha, acreditamos que “Lobato discute o sistema democrático¹⁰⁰”, definindo um tipo de democracia representativa, em que os líderes eleitos irão executar as vontades de seus eleitores (isto é, da animália completa)¹⁰¹.

Não é um espelho total, nem absoluto. Há uma oposição marcada importante, lembrada pelo onço viúvo da onça morta pela criação do sítio:

– Eles mataram minha esposa! – clamava com voz trêmula de cólera um enorme onção (como dizia a Emília). – Estou viúvo da minha querida onça por artes daqueles meninos daninhos do sítio de Dona Benta. Mataram-na e levaram-na de arrasto, amarrada com cipós, até o terreiro da casinha onde moram. Tiraram-lhe a pele, que depois de esticada e seca ao sol está servindo de tapete na varanda.

⁹⁶ Ibidem, p. 48.

⁹⁷ Ibidem, p. 61.

⁹⁸ Ibidem, p. 60.

⁹⁹ O narrador chamará mais tarde aos próprios humanos de bípedes, ao se referir a eles, quando sobem nas pernas de pau ensecadas, como “estranhos bípedes pernaltas” (2015a, p. 79).

¹⁰⁰ ROCHA, J. N. Op. cit., 2009, p. 250.

¹⁰¹ A ideia talvez não seja tão inédita. Em passagem famosa de suas *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll faz comentários políticos com os animais da *caucus race*. Já insinuamos paralelos entre Alice e Pedrinho, e consideremos ainda que Lobato traduziu o primeiro livro de Alice em 1936, três anos após lançar *Caçadas* (BOTTMAN, 2011).

Ora, isto é crime que pede a mais completa vingança. Guerra, pois! Guerra de morte a essa ninhada de malfeitores¹⁰².

Os humanos agressores são tidos, sem sutileza, como uma “ninhada de malfeitores”. O que eles fizeram não foi apenas errado, foi “crime que pede a mais completa vingança”. A descrição que o onça faz das invectivas que o corpo de sua esposa onça sofreu assusta pelo aspecto gráfico, tremendamente sugestivo, não formando por pouco uma cena de tortura¹⁰³.

Os homens matam para tirar a pele dos animais, colecionar troféus, frívolo exibicionismo. Os bichos, organizados em assembleia, deixam claro o destino que reservam a suas presas:

- Assaltaremos a casa – prosseguiu o viúvo – e mataremos todos os seus moradores.
- Sim, matá-los-emos todos! – repetiu o coro.
- E depois os comeremos um por um!
- Sim, sim, comê-los-emos todos, um por um! – uivou a bicharia, com as línguas vermelhas a lamberem a beijaeria feroz¹⁰⁴.

Os animais planejam o ataque e a carnificina, nisso assemelhando-se aos homens; porém o que intentam fazer dos despojos da vitória é uma ação natural, integrada ao sistema da natureza pura. Os corpos mortos serão devorados, dando continuidade à cadeia alimentar.

Para além da vingança (traço humano), paira a ontologia biológica dos bichos: eles têm fome, como indicam “as línguas vermelhas a lamberem a beijaeria feroz”. A punição desproporcional visa a restabelecer o encadeamento tornado imperfeito (artificialmente, pelos humanos do sítio) da força-motriz natural. A onça foi morta criminosamente, os animais vão se vingar reinstaurando o que foi deslocado, isto é, o reino animal vai se defender animalmente, como a onça assassinada não o pôde fazer.

Essa oscilação entre os aspectos humanos e animais dos entes descritos no livro configura-se uma das bases da técnica narrativa do escritor, ao insinuar que nem todo animal age como bicho e nem todo humano age como gente. As personagens, de dentro da estória, reconhecem tal deliberada indecisão:

De noite houve discussão das hipóteses que poderiam dar-se no dia seguinte. Dona Benta disse:

- Concordo que se estivermos sobre pernas de pau as onças não poderão apanhar-nos. Mas depois? E se elas resolverem ficar por aqui até que nos cansemos e sejamos forçados a descer?
- Era uma hipótese bastante provável, que não havia ocorrido a Pedrinho. Sim; se as onças ficassem por lá, como era?
- Não de cansar-se e ir-se embora – sugeriu Narizinho. – Quando a fome apertar, não fica nenhuma aqui.
- E se se revezarem? – lembrou Dona Benta. – E se enquanto a metade das onças for caçar a outra metade ficar montando guarda?¹⁰⁵

¹⁰² LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 54.

¹⁰³ A própria cena da caçada em si possui laivos de uma crueldade hoje inconcebível. O detalhismo da feroz violência descrita pelo narrador faz pensar em verdadeiro suplício da onça, o que talvez tenha motivado a nota de posicionamento contextual ecológica que *Caçadas* recebeu quando a Editora Globo detinha os direitos do catálogo lobatiano e o relançou em meados dos anos 2000.

¹⁰⁴ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 55.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 68.

As hipóteses aventadas levam em conta as onças “resolverem” permanecer lá, montando tocaia, armando vigília – comportamentos e reações de humanos. Tal racionalidade “emprestada” faz parte do jogo que o narrador organiza, versando sobre a duplicidade dos conceitos humanos e animais, intercambiáveis a depender de a conotação assumir-se explícita, metafórica, irônica, literal, sarcástica, objetiva etc.

A depender do uso imediato no relato, portanto, as hipóteses tornam-se “bastante prováveis”: as onças podem ficar por lá, e até mesmo revezar-se no ataque. A sugestão é oferecida por Dona Benta, o que significa que nem ao menos é um voo da imaginação infantil: é uma hipótese mais que possível, provável; mais que provável, “bastante” provável. Hipótese racional, calcada no raciocínio, referente ao comportamento racional de animais usualmente tidos por irracionais.

Dona Benta ancora-se, em *Caçadas*, na realidade plausível, material, que a cerca. Quando as crianças aparecem com o butim da caçada, vitoriosos, resolvem indagar da senhora, na surpresa, o que a avó achava que eles haviam caçado:

Aproximaram-se os heróis. Penetraram no terreiro. Narizinho de longe gritou:

– Adivinhe, vovó, o que matamos!

Dona Benta respondeu:

– Uns danadinhos como vocês são bem capazes de terem matado alguma paca...

A menina deu uma risada gostosa.

– Qual paca, nem pera paca, vovó! Suba!

– Então, algum veado – lembrou a velha, começando a arregalar os olhos.

– Suba, vovó!

– Porco-do-mato, será possível?

– Suba, suba!

Dona Benta principiou a abrir a boca.

– Então foi capivara...

– Vá subindo, vovó!

A boa senhora não sabia como subir além duma capivara, que era o maior animal existente por ali. Narizinho, então, chegou-se para ela e disse, fazendo uma careta de apavorar:

– Uma onça, vovó!

O susto de Dona Benta foi o maior da sua vida – tão grande que caiu sentada, com sufocação, exclamando:

– Nossa Senhora da Aparecida! Esta criançada ainda me deixa louca...¹⁰⁶

Dona Benta, que já conhece os “danadinhos” dos netos, não estranha nem se horroriza com a ideia de caçada, e palpita incontinenti que as crianças mataram uma paca.

Firmada na realidade, a paca constitui-se no máximo que a avó aceita “espontaneamente” como animal caçado pelos meninos, sem os pedidos para “subir” que Narizinho insistentemente faz. Até esse ponto, são aceitáveis fanfarrônicas infantis. Dentro do pacto ficcional que descrevemos, compõem o ideário de valentia a que uma criança como Pedrinho (e extensivamente qualquer outra) poderia muito bem estar sujeita.

A avó aceita como um fato possível na ordem das coisas crianças “danadinhas” se juntarem e conseguirem matar um bicho de médio porte, como se reunidas equivalassem em força a um adulto. Contudo alcança ali seu limite: para que acredite em mais, será necessário o auxílio de outros aportes. Provas, argumentos de convencimento.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 28-9.

Que virão, fartos. Antes de ficar evidente que estava diante de uma onça morta, a avó tenta dimensionar seus temores em reduções de medos que podem ficar maiores, proporcionalmente; feito quisesse apenas acrescentar, paulatinamente, pequenos acréscimos a um animal (paca) que seus netos danadinhos poderiam mesmo ter matado...

Há um choque entre a realidade material, representada por Dona Benta (e por Tia Nastácia, que se aproxima do cadáver e atesta ser mesmo onça), e a realidade aumentada, fantasiosa, advinda do pacto ficcional do livro, entre seu autor e seus leitores, representada explicitamente na cena pelas crianças, empolgadas no gozo da vitória “bélica” de tal modo que momentos antes Pedrinho solta um grito de triunfo dificilmente represado: “Alé guá, guá, guá”¹⁰⁷, a que seguem entusiasmados “hurras” ao Picapau Amarelo por parte dos demais combatentes, excitados¹⁰⁸.

Com o crescimento das proporções do animal caçado, Dona Benta vai externando sinais físicos de estarrecimento. Primeiro arregala os olhos, depois abre a boca e, após alcançar o topo máximo (o “ponto ótimo”) de sua cogitação – quando a forçam a considerar um animal maior do que o maior animal que considerava –, cai sentada, estupefata.

Mais adiante na ação, será Dona Benta quem, surpreendentemente, mostrará o acerto que foi se precaver da chance de as onças revezarem-se no assédio:

- Tenho uma ideia – latiu um cachorro-do-mato de talento. – Eles não podem ficar lá em cima toda a vida. Hão de descer logo que a fome aperte. Minha ideia é ficarmos aqui de plantão até que desçam.
- Sim – disse o onço, que era burríssimo – mas se a fome aperta para eles, também aperta para nós – e como é?
- Revezamo-nos – resolveu o cachorro. – Metade do bando vai caçar e almoçar no mato enquanto a outra metade fica de guarda. Desse modo poderemos permanecer aqui a vida inteira, se for preciso.
- Eu não disse? – cochichou Dona Benta. – As malvadas vão revezar-se e estamos perdidos...¹⁰⁹

Dona Benta entende a língua dos animais! Os animais raciocinam, consideram a duração do ataque, as forças de resistência. Querem vencer os homens pelo que eles (os animais, mas também os homens) possuem de mais animal, naturalmente: a fome.

Como vimos, animais pensam animalmente em se alimentar – ainda que chamem suas presas, humanamente, de “almoço” e “pratos”, cada qual em cima de dois espetos”¹¹⁰ –, enquanto os humanos descuidam dessa área, pensando apenas em engenhos, armadilhas; com justiça a única a considerar que o tempo

¹⁰⁷ Ibidem, p. 21.

¹⁰⁸ Tal traço de bravura é apenas associado à turma fixa do sítio; quando mais tarde uma nova menina (Cléu) é incorporada artificialmente à trama, *in medias res*, ela demonstra inicialmente bravura – “Um dos meus sonhos sempre foi ser atacada por um exército de onças e iraras e cachorros-do-mato...” (2015a, p. 73) –, para pouco após o narrador desautorizá-la asseverando que “Cléu, que não tinha prática de aventuras maravilhosas, fez cara de choro” (2015a, p. 81). Problema de coerência interna da obra ou um sinal que aponta que essa nova “soldada” não resistiu e cedeu, pois só a criança-base do Picapau Amarelo se firma incólume frente a enfermidades? Seja como for, Cléu não mais apareceria em uma estória de Lobato.

¹⁰⁹ LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 81.

¹¹⁰ Ibidem, p. 80.

do assédio poderia acarretar fome foi Emília, neste livro para todos os efeitos ainda uma boneca de pano¹¹¹, que junto a suas misteriosas granadas diz o seguinte sobre as provisões que separou no telhado: “botei lá pão com manteiga, um guarda-chuva e mais coisas. Pode nos apertar a fome, pode chover...”¹¹².

Forçoso reparar que o narrador chega a combinar dois animais, um real e um metafórico, para qualificar um dos atacantes: “o onço” era “burríssimo”. O jogo de símbolos e adjetivos metaforizados, espelho particular, ganha camadas adicionais, perfeitamente avessas à literalidade, acordantes apenas com o imaginativo trato ficcional de que tanto falamos – consistente num perigo, num plano de ação, no resultado advindo do inevitável choque.

Eis que do choque resultante nasce a extrapolação engendrada entre o real material e o real imaginado, confundidos ambos no episódio – como de resto em muitos outros do livro, e da obra inteira de Lobato.

¹¹¹ Apesar de celebrizada na memória do público (sobretudo o da segunda metade do século XX em diante, por força das adaptações para outras mídias, como televisão e teatro) como uma eterna boneca de pano, Emília, no decorrer das histórias de Lobato, vira uma menina de verdade. A despeito de as tramas com a turma do sítio não seguirem especificamente um plano rigidamente fixo nas Obras Completas organizadas por seu autor (exemplo: em *A reforma da natureza* é mencionada *A chave do tamanho*, aventura posterior), a partir de um certo ponto Emília passa a ser referenciada explicitamente como ex-boneca. Ela mesma explica a mudança em *A chave do tamanho*: “[...] E eu sou a ‘evolução gential’ daquela bonequinha pernóstica. [...] Artes do mistério. Fui virando gatinha e gente sou; belisco-me e sinto a dor da carne. E também como” (1988a, p. 151). Não percamos de vista, contudo, que, ainda que tenha virado uma menina nas histórias, Emília constituiu-se, importa notar e refletir, numa personagem – conforme insistimos na importância da estrutura narrativo-ficcional –, o que implica construções propostas e designadas por um autor. Curiosamente, será o Pequeno Polegar quem explicará, numa das *Histórias diversas* (o último livro da série infantil de Lobato nas Obras Completas, com histórias organizadas postumamente), as particularidades de ser personagem e não ficar velha: “Pertencço à turma dos ‘personagens’. Envelhecem vocês, gente; os ‘personagens’, não. Peter Pan, Emília, o Gato de Botas, Capinha Vermelha, a Gata Borracheira, todos nós não somos gente, somos ‘personagens’” (1988b, p. 195). Ainda no mesmo livro, uma personagem não nomeada pergunta a diferença entre gente e personagem, e outra personagem, igualmente sem identificação, responde: ‘Gente é gente, você sabe, não preciso explicar. E personagem é uma coisa muito mais que gente, porque gente morre e os personagens não morrem, são imortais, eternos’ (1988b, p. 242).

¹¹² LOBATO, M. Op. cit., 2015a, p. 70.